



Os nomes próprios de rios do território de identidade 6 – Baixo sul (Bahia)

The Proper Names of Rivers in the Territory of Identity 6 – Baixo South (Bahia)

Celina Márcia de Souza Abbade

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia / Brasil

celinabbade@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6485-277X>

Resumo: A partir da onomástica, ramo da lexicologia que estuda os nomes próprios, a toponímia vem buscando estudar os nomes próprios dos lugares que existem nesse mundo. Partindo de um projeto maior, o Atlas Toponímico da Bahia (ATOBAH), que objetiva estudar os topônimos baianos, começando pelos que designam os acidentes físicos relacionados às águas, esta pesquisa apresenta os topônimos que designam os principais rios que pertencem ao Território de Identidade 6 – Baixo Sul. Esse território é composto por quinze municípios: Aratuípe, Jaguaripe, Cairu, Valença, Taperoá, Nilo Peçanha, Ituberá, Igrapiúna, Camamu, Ibirapitanga, Pirai do Norte, Gandu, Wenceslau Guimarães, Teolândia e Presidente Tancredo Neves. Este trabalho fundamenta-se na perspectiva dos estudos toponímicos, a partir dos fundamentos teóricos de Dick, assim como nos estudos desenvolvidos acerca dos atlas toponímicos de diversos estados brasileiros, como o Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (Atemig) coordenado por Seabra, e o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (Atems), sob a coordenação de Isquerdo, dentre outros. Sabendo que os topônimos são marcas de identidade de um grupo e que, por isso, integram o patrimônio cultural de um povo, os aspectos revelados a partir de um estudo onomástico/toponímico, além do fazer linguístico, permeiam caminhos históricos, arqueológicos, geográficos, genealógicos e socioculturais dos nomeadores, resgatando e preservando a memória e a identidade de grupos que habitam e/ou habitaram o espaço em estudo.

Palavras-chave: toponímia; onomástica; Bahia; Atlas Toponímico; rios.

Abstract: From Onomastics, the branch of Lexicology that studies proper names, Toponymy has been seeking to study the proper names of places that exist in this world. Starting from a larger project, the Toponímico Atlas of Bahia (ATOBAH), which aims to carry out the study of toponyms in Bahia starting with those that designate the physical accidents related to water, this research aims to present the toponyms that designate the main rivers that belong to the Baixo Sul Identity Territory. This territory comprises 15 municipalities: Aratuípe, Jaguaripe, Cairu, Valença, Taperoá, Nilo Peçanha, Ituberá, Igrapiúna, Camamu, Ibirapitanga, Pirai do Norte, Gandu, Wenceslau Guimarães, Teolândia and Presidente Tancredo Neves. The present work is based on the perspective of toponymic studies, from the theoretical foundations of Dick (1990; 1992; 1997; 2007), as well as on the studies developed on the toponymic atlases of several Brazilian states, such as Toponymic Atlas of State of Minas Gerais (ATEMIG) coordinated by Seabra (2004; 2006; 2008), the Toponymic Atlas of the State of Mato Grosso do Sul (ATEMS) under the coordination of Isquerdo (1997; 2008; 2012), among others. Knowing that place-names are marks of a group's identity and therefore are part of the cultural heritage of a people, the aspects revealed from an onomastic/toponymic study, in addition to the linguistic practice, permeate historical, archaeological, geographic, genealogical and sociocultural paths of the nominators, rescuing and preserving the memory and identity of groups that inhabit and/or inhabited the space under study.

Keywords: toponymy; onomastics; Bahia; toponymic atlas; rivers.

1 Introdução

O estudo dos nomes próprios no âmbito dos estudos lexicais está inserido na onomástica, ramo da lexicologia que pesquisa esses nomes, seja de pessoas, por meio da antroponomástica, seja de lugares, com a toponomástica.

Como a proposta aqui é apresentar os nomes próprios dos rios de uma região baiana, nossa perspectiva teórica insere-se no ramo da toponomástica.

A toponímia baiana está intimamente ligada à história da Bahia e se confunde com a própria história de formação do povo brasileiro, uma vez que o processo de colonização europeia se iniciou por essas terras.

Diante dessa necessidade de entender melhor a história de formação do povo brasileiro a partir da vertente linguística, em 2014 deu-se início ao Projeto Atlas Toponímico da Bahia (ATOBAH), que está

sendo desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Criado com o objetivo de levantar nomes próprios de lugares que abrangem o território baiano e de estudá-los, o Projeto Atobah seguiu inspirado e incentivado por diversos outros projetos distribuídos pelo Brasil, seguidores do Projeto Atlas Toponímico do Brasil (ATB), idealizado pela professora Maria Vicentina do Amaral Dick na década de 1990, cuja proposta era abranger os estados do país, seguindo a perspectiva teórica do projeto desenvolvido por ela, o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP), primeiro a ser criado no Brasil.

O Projeto Atobah é um dos mais recentes e faz parte do Núcleo de Estudos Lexicais (NEL), vinculado ao Programa de Estudos em Linguagem (PPGEL) da UNEB e cadastrado ao CNPQ¹. O NEL tem como objetivo desenvolver pesquisas voltadas para os estudos do léxico em diversas perspectivas e socializá-los com demais grupos de estudos lexicais no Brasil e, quiçá, fora dele.

O Projeto ATOBAH busca inicialmente, além de compor o banco de dados dos topônimos baianos, realizar o estudo desses topônimos. Escolhemos iniciar pelos topônimos que designam os acidentes físicos relacionados às águas, os hidrônimos, uma vez que a força dessas águas é preponderante na Bahia, estado cujo nome nasce de uma motivação hidronímica, a Baía de Todos os Santos, nome dado pelos portugueses, mas já conhecida como *Kirimurê*, isto é, “grande mar interior”, nome dado pelos indígenas autóctones.

Este texto apresenta uma parte desse projeto maior, trazendo à tona os topônimos que designam os rios que pertencem ao Território de Identidade (TI) 6, Baixo Sul, um dos 27 territórios de identidade que agregam os 417 municípios baianos.

O TI 6 é composto por quinze municípios: Aratuípe, Jaguaripe, Cairu, Valença, Taperoá, Nilo Peçanha, Ituberá, Igrapiúna, Camamu, Ibirapitanga, Pirai do Norte, Gandu, Wenceslau Guimarães, Teolândia e Presidente Tancredo Neves, conforme podemos observar na Figura 1:

¹ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/0436410516092832340071>.

Figura 1 – Municípios do Território de Identidade 6 – Baixo Sul



Fonte: Brasil (2010).

Este estudo fundamenta-se na perspectiva dos estudos toponímicos, a partir dos fundamentos teóricos de Dick (1990, 1992, 1997, 2007), assim como nos estudos desenvolvidos acerca dos atlas toponímicos de diversos estados brasileiros, como o Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMIG), coordenado por Seabra (2004, 2006, 2008), e o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS), sob a coordenação de Isquerdo (1997, 2008, 2012), dentre outros.

Uma vez que um estudo toponímico ultrapassa o fazer linguístico, pois permeia caminhos históricos, arqueológicos, geográficos, genealógicos e socioculturais dos nomeadores, esta pesquisa resgata e preserva a memória e a identidade de grupos que habitam e/ou habitaram o espaço em estudo, analisando o patrimônio cultural de um povo.

A partir da onomástica, parte dos estudos lexicais que se dedica ao estudo do *onoma* (“nome”), a toponomástica vem buscando estudar os nomes próprios dos topos (“lugares”) desse mundo. A partir de uma relação íntima e profunda entre o nomeador e o nomeado, essa parte da lexicologia desemboca inexoravelmente na relação homem-sociedade-cultura.

Os estudos toponímicos, muito mais do que contribuições linguísticas, trazem à tona aspectos históricos, geográficos, culturais e sociais de uma região e do povo que habita essa região.

2 O Projeto ATOBAH

Conforme já dito, esta pesquisa é parte de um projeto maior, o ATOBAH, iniciado em 2014, cujo objetivo é gerar produtos significativos, dividindo-se em três etapas:

- 1. Organização** de um banco de dados informatizado que possa reunir informações relativas à macro e à microtoponímia encontradas nos 417 municípios baianos que constituem o corpus do projeto;
- 2. Cartografiação e digitalização** das cartas toponímicas;
- 3. Elaboração** do atlas toponímico, sempre tomando como base o modelo teórico proposto por Dick (1990).

No momento, as pesquisas encontram-se na primeira etapa, cuja proposta metodológica abrange: levantamento dos acidentes humanos e acidentes físicos documentados; coleta de dados; análise e tabulação dos dados; organização dos dados em fichas lexicográfico-toponímicas; apresentação de resultados parciais.

Após a coleta, os topônimos são registrados em fichas, conforme modelo sugerido por Dick (2004) e adaptado pelo grupo, para serem analisados e classificados. Essas fichas estão sendo preenchidas por uma equipe de pesquisadores, em sua maioria professores, composta de doutores, mestres, mestrandos e alunos de graduação em iniciação científica.

Figura 2 – Modelo de ficha lexicográfico – toponímica do ATOBAH

ATOBAH - Atlas Toponímico da Bahia	
TOPÔNIMO:	corresponde ao registro do nome do lugar coletado
TAXIONOMIA:	classificação (DICK, 1991, 1992)
LOCALIZAÇÃO:	localização do topônimo no mapa
ACIDENTE:	Categoria/ tipo de acidente
ORIGEM:	Busca a origem do topônimo, podendo encontrar seu étimo.
ESTRUTURA MORFOLÓGICA:	Elemento simples, composto ou híbrido.
HISTÓRICO:	apresenta a diacronia do topônimo, tomando por base documentos escritos.
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:	encontram-se informações várias sobre o topônimo estudado, reafirmando a sua origem, estrutura morfológica e taxonomia.
CONTEXTO:	exemplo do uso do topônimo.
FONTE:	apresenta-se a fonte de onde se retiraram as informações sobre o topônimo.
COORDENADOR:	
PESQUISADOR:	
REVISOR:	
DATA DA COLETA:	

Elaborada pela autora.

As fontes utilizadas nessa primeira etapa para coletar os dados são os mapas e os dados encontrados na Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), acrescidos dos dados do Tribunal Regional Eleitoral da Bahia (TRE-BA) para os acidentes humanos no que concerne aos nomes de povoados, distritos, assentamentos e comunidades quilombolas, uma vez que esses dados são atualizadas bienalmente, diferentemente dos encontrados no IBGE, que são atualizados a cada dez anos. Quando necessário, também se consultou o Diário Oficial do Estado (DOE-BA) para confirmar nomes dos recursos hídricos, por exemplo.

Para dividir os 417 municípios baianos, existem diversos critérios: geográfico, turístico, econômico, hídrico, territórios de identidade etc. No Projeto ATOBAH, optou-se pela divisão por territórios de identidade, uma vez que ela foi desenvolvida com base no sentimento de pertencimento, em

que as comunidades, por meio de suas representações, foram convidadas a opinar, o que corrobora a visão de que léxico e cultura são indissociáveis.

Essa classificação em territórios de identidade apresentada pelo Governo do Estado da Bahia em 2010 teve como objetivo identificar prioridades temáticas definidas a partir da realidade local, possibilitando o desenvolvimento equilibrado e sustentável entre as regiões. Dessa forma, a Bahia passou a reconhecer a existência de 27 territórios de identidade, constituídos a partir da especificidade de cada região.

Figura 3 – Territórios de Identidade da Bahia



Fonte: Bahia (2012).

Os rios, objetivo de pesquisa deste artigo, servem como limites entre diversos municípios baianos, provando que os cursos d'água desempenham papel preponderante no processo de delimitação dos lugares. Alguns desses territórios também foram nominados a partir das águas, conforme nos mostra Correia (2017) acerca dos 27 territórios de identidade:

dos vinte e sete, dez são nomeados a partir dos rios que os percorrem e que possibilitaram o processo de colonização e ocupação territorial, permitindo que se associe a presença da água à causa nominativa desses territórios: TI 02 - Velho Chico; TI 09 - Vale do Jiquiriçá; TI 10 - Sertão do São Francisco; TI 11 - Bacia do Rio Grande; TI 12 - Bacia do Paramirim; TI 14 - Piemonte do Paraguaçu; TI 15 - Bacia do Jacuípe; TI 22 - Médio Rio de Contas; TI 23 - Bacia do Rio Corrente; TI 25 - Piemonte Norte do Itapicuru. (CORREIA, 2017, p. 263)

Atualmente são realizados encontros quinzenais com os membros do ATOBAH para discussões e socializações da pesquisa, além de estudos teóricos para fundamentação e embasamento científico. Paralelamente ao ATOBAH, outras pesquisas têm sido desenvolvidas e concluídas, pois, sabendo que a toponímia é uma disciplina de caráter interdisciplinar e dinâmico, é possível realizar estudos com os dados que vão sendo construídos nesse macroprojeto.

Estamos, desde o início do projeto, coletando e analisando os topônimos em vários pontos das diversas regiões do estado para formar o banco de dados. Ainda estamos muito longe de concluir essa etapa, mas, até o momento, já levantamos os nomes de 5.349 acidentes humanos e 10.096 acidentes físicos. Esses topônimos estão organizados em planilhas do Excel e servem de corpus para diversas pesquisas desenvolvidas no grupo, como a atual, referente aos rios do TI 6. Até então, entre os 27 territórios de identidade, foram levantados 1.601 topônimos para os rios da Bahia, sendo 38 apresentados mais adiante. Acredita-se que essa quantidade poderá ser ampliada à medida que as pesquisas se tornem mais apuradas e novas fontes de pesquisas surjam.

3 O Território de Identidade 6 - Baixo Sul

Situado no sul baiano, entre as coordenadas aproximadas de 12°55' a 14°14' de latitude sul e 38°45' a 39°48' de longitude oeste, o Território de Identidade 6 – Baixo Sul ocupa uma área de 7.695 km² (BRASIL, 2010). O TI 6 – Baixo Sul é composto de quinze municípios: Aratuípe,

Cairu, Camamu, Gandu, Ibirapitanga, Igrapiúna, Ituberá, Jaguaripe, Nilo Peçanha, Piraí do Norte, Presidente Tancredo Neves, Taperoá, Teolândia, Valença, Wenceslau Guimarães. Desses quinze, sete pertencem à Zona Turística Costa do Dendê², juntamente com o município de Maraú, que pertence ao TI 5 Litoral Sul-BA. Dessa forma, a Zona Turística Costa do Dendê é composta de oito municípios: Valença, Igrapiúna, Cairu, Camamu, Taperoá, Nilo Peçanha, Ituberá (TI 6) e Maraú (TI 5).

Além dos quinze municípios, o Baixo Sul conta com 101 comunidades quilombolas e, até então, apenas 67 delas têm a certificação.

Sendo uma das colonizações mais antigas no Brasil, o TI 6 conta com a presença europeia desde o século XVI, a partir de suas ilhas, principalmente a de Cairu, com suas rotas hidrográficas, povoadas pelos portugueses que aqui chegaram. Mas os indígenas, principalmente os Aymoré, sabiam se defender e não permitiram a ocupação imediata. Como a região era rota de transição marítima entre a região do Recôncavo e Salvador, a pacificação acabou ocorrendo e o comércio agrícola, principalmente de farinha de mandioca, começou a se intensificar entre a região e Salvador, capital do Brasil à época. O extrativismo de madeiras nobres também marcou esse período. Como no resto da colônia portuguesa, a exploração dos recursos naturais da região foi inevitável. Terras foram desmatadas e invadidas para a atividade agrícola e pecuária. A cana-de-açúcar prevaleceu na economia local e proporcionou as primeiras povoações nos finais do século XVII, em função de sua expansão.

Atualmente, existem cinco Áreas de Proteção Ambiental³ (APA) e reservas na região. Estas buscam preservar as riquezas naturais da região e seus ecossistemas, sendo promovidas por projetos governamentais com planos de desenvolvimento sustentável por toda a região.

O clima tropical é influenciado pela proximidade do mar e as temperaturas médias anuais variam entre 21° e 25 °C.

² Zona Turística é outra forma de classificação dos municípios baianos, contendo as principais cidades turísticas. A Bahia está dividida em treze zonas, a saber: Baía de Todos-os-Santos, Caminhos do Jiquiriçá, Caminhos do Oeste, Caminhos do Sudoeste, Caminhos do Sertão, Chapada Diamantina, Costa dos Coqueiros, **Costa do Dendê**, Costa do Cacau, Costa das Baleias, Costa do Descobrimento, Lagos e Cânions do São Francisco e Vale do São Francisco.

³ APA do TI6: Pratigi, Guaibim, Caminhos Ecológicos da Boa Esperança, Tinharé/Boipeba e Baía de Camamu.

A vegetação predominante é a Mata Atlântica, que ocupa 15% do território brasileiro. Esse bioma possui uma flora diversificada e rica, com florestas, restingas, manguezais, brejos *etc.* Apesar do desmatamento em alto grau, a Mata Atlântica no Baixo Sul ainda apresenta importantes remanescentes florestais em diferentes estágios de regeneração.

A fauna do TI 6 também é bem diversificada, com diversas espécies de mamíferos, aves, anfíbios e animais marinhos, além dos diversos tipos de peixes.

Os recursos minerais não são fartos, apresentando algumas rochas e minerais que beneficiam a produção de gesso, petróleo e gás natural.

Uma área repleta de matas, praias, rios, cachoeiras, manguezais, restingas e coqueiros fazem do Baixo Sul uma região turística, em razão de suas belezas naturais. Mas a região também possui patrimônios culturais, como casarões, igrejas, conventos, fortalezas, assim como conta com manifestações folclóricas conhecidas nacional e internacionalmente, por exemplo, Bumba Meu Boi, Terno de Reis, Terno de Rosa, Zambiapunga, Caretas, dentre outras. Praias como Morro de São Paulo, Boipeba, Pratigi e Barra Grande são conhecidas pelo ecoturismo mundial.

4 O rio: um dos cursos d'água da Bahia

O Brasil começa a sua história civilizatória na Bahia. E, conforme Abbade:

A história da Bahia se confunde com a própria história de formação do povo brasileiro. Desde a chegada dos portugueses até os dias atuais, foram mais de cinco séculos com muitas histórias nas quais a Bahia serviu como palco de invasões, migrações e colonizações. (ABBADE, 2016, p. 577)

Pode-se afirmar que a Bahia possui uma pluralidade social, cultural, ambiental e econômica das mais acentuadas no Brasil. Com uma variedade de biomas que se sobrepõe aos demais estados, a Bahia tem cinco biomas diferenciados: Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Costeiro e Marinho. Na sua história civilizatória também há um processo rico e bem diversificado de formação do povo brasileiro. O Brasil é um país cuja riqueza do sistema hidrográfico é inegável. Na Bahia não poderia ser diferente. Diversos cursos d'água se fazem presentes nas terras baianas. Todas essas características refletem-se no processo de nomeação dos topônimos aqui existentes.

No Atobah já foi possível levantar os seguintes acidentes referentes aos cursos d'água: açudão, açude, baía, baixa/baixão, barra, boqueirão, brejo, cabeceira, cabo, cachoeira, calha, canal, córrego, fonte, foz, galho, grotta, lago, lagoa, lagoinha, nascente, ponta/pontal, riacho/riachão, ribeirão, rio, vargem, várzea e vereda. Muitas vezes a população não distingue um acidente facilmente, pois os limites entre alguns deles são muito tênues. Entre os rios, fica difícil saber popularmente o que é rio, riacho, ribeirão, córrego etc.

Nos estudos da toponímia, à água se dedicou um campo específico denominado hidronímia, que, segundo Isquierdo e Seabra (2010, p. 88), no campo da onomástica, é “o conjunto de acidentes geográficos que designam correntes hídricas (rios, córregos, corixos, lagoa, baía, salto, cachoeira...)”. Dessa forma, a hidrografia abarca os nomes geográficos das águas correntes ou estáveis da Terra, bem como elementos naturais ou artificiais, expostos ou submersos, contidos nesse ambiente.

A água tem uma enorme importância na formação de uma comunidade enquanto elemento de sobrevivência, uma vez que os agrupamentos humanos, desde o início das civilizações, formam-se ao redor das águas.

Os nomes dos rios, em grande escala, influenciam a nomenclatura de outros acidentes humanos, como cidades, fazendas, povoados etc. Segundo Isquierdo e Dargel (2013), “há a tendência de o nome do rio inspirar o nome da cidade e não raras vezes instaura-se nesses contextos um amálgama entre rio e cidade em termos toponímicos que só informações históricas elucidam a questão da motivação do nome”. Diante disso, os nomes dos rios podem revelar aspectos da história e da cultura daquele lugar.

Os nomes dos rios, diferentemente de outros topônimos, principalmente os acidentes humanos, praticamente não sofrem alterações ao longo do tempo. Essa é uma marca dos acidentes físicos. Um dos tópicos das fichas lexicográfico-toponímicas que utilizamos é o “histórico”, ou seja, as variantes nominativas do topônimo ao longo de sua história. Para os rios aqui estudados, esse tópico se tornou desnecessário, uma vez que nenhum dos 38 rios levantados sofreu alteração nominativa. Segundo Dick, “os nomes dos rios, assim como os aplicados aos acidentes orográficos, costumam ser, universalmente, os mais antigos registros que a língua e a toponímia empregam” (DICK, 1997, p. 36).

Como existem diferentes cursos d'água no Brasil, buscamos aqui apresentar um desses cursos d'água, os rios, ou seja, corpos hídricos que deságuam em outro corpo hídrico, como um mar, lago ou outro rio.

Os rios são cursos d'água naturais que se deslocam de sua nascente, um ponto mais alto, até atingirem a sua foz, local em que o rio deságua (mar, lago, pântano ou outro rio).

Os rios podem ser classificados em **principais** (os rios principais e seus afluentes) ou **secundários** (os cursos d'água com menor vazão de água: ribeiro/(a)/(ão), riacho, córrego, torrente, arroio *etc.*). Outra classificação é feita de acordo com a drenagem da frequência de água, podendo ser **permanentes ou perenes** (correm o ano inteiro sem interrupção); **temporários ou intermitentes** (correm em apenas um período do ano, geralmente na estação chuvosa); e **efêmeros** (só se formam por ocasião das chuvas ou logo após sua ocorrência).

O que chamamos comumente de **rio** pode receber nomes distintos de acordo com a região do país, o fluxo de água e o local onde deságuam. Entretanto, essas diversas denominações não obedecem a um critério científico ou oficial. De acordo com o *Glossário de termos genéricos do IBGE* (2018), existem as seguintes definições para rio e seus derivados que ocorrem na região NE do Brasil:

Rio – Corrente líquida resultante da concentração do lençol de água em um vale.

Riacho (NE) – curso de água ou corrente de água que flui ou desemboca no oceano, num lago ou em outro curso de água.

Riachão (NE) – aumentativo. Riacho grande.

Riachinho (NE e SE) – riacho pequeno.

Apresentaremos, assim, apenas os cursos d'água nominados como rios. Vale ressaltar que todos os rios baianos são voltados para o oceano Atlântico, e, nacionalmente, são classificados em duas das doze regiões hidrográficas brasileiras: Região Hidrográfica do São Francisco e Região Hidrográfica do Atlântico Leste.

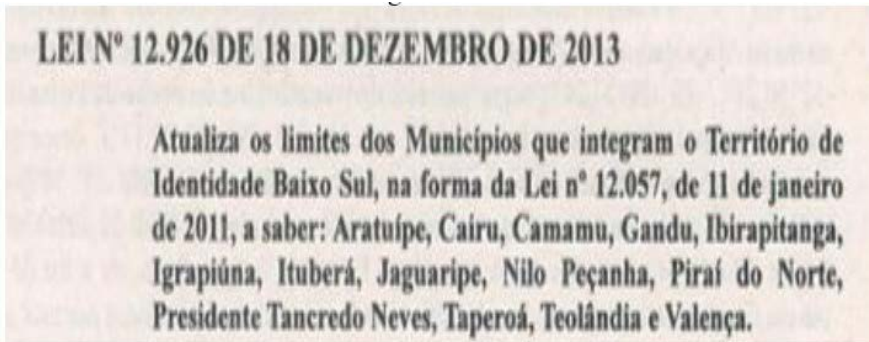
4.1 Os rios do TI 6 – Baixo Sul

Situado na Bacia Hidrográfica do Recôncavo Sul, o TI 6 – Baixo Sul limita-se ao norte pela Bacia do Rio Jiquiriçá e, ao sul, pela Bacia do Rio de Contas. Além disso, mais três sub-bacias hidrográficas estão no Baixo Sul: Una; Almas ou Jequié; Cachoeira Grande ou Mariana ou Acaraí.

O rio Una é um dos cursos d'água mais importantes da região, principalmente para a cidade de Valença. O Rio das Almas ou Jequié e seus afluentes cruzam diversos municípios, mas sua importância está na cidade de Nilo Peçanha. Em suas margens, encontram-se plantações de cacau, banana, guaraná e laranja. O rio Cachoeira Grande ou Mariana percorre as terras dos municípios de Camamu e Ituberá e possui em suas margens plantações de cacau e pastagens.

O *Diário Oficial do Estado da Bahia* atualiza os limites entre os municípios do TI 6, conforme a Figura 4, e seus limites se dão a partir dos rios que banham a região:

Figura 4 – Lei 12.926



Fonte: Bahia (2013).

Foram elencados 57 rios no DOE-BA (2013), diferentemente do *Anuário de Estatística SEI* (2001), que elenca 38 rios e dois riachos. Alguns desses rios são distintos da fonte anterior. Para a organização e levantamento dos rios existentes no Baixo Sul, optou-se por apresentar rios elencados nos dados do SEI, excluindo os dois riachos também elencados, conforme a Tabela 1, que apresenta os principais rios do Baixo Sul, segundo o *Anuário de Estatística SEI* (2001):

Tabela 1 – Principais rios dos municípios do Baixo Sul segundo o SEI (2001)

Municípios	Rios
Cairu	Riacho Gamboa
Camamu	Cachoeira Grande, Acaraí, Orijó, Sorojo
Gandu	Almas
Igrapiúna	Serinhaém, Igrapiúna, Pinaré
Ituberá	Cachoeira Grande, Serinhaém, Rio de Barro, Riacho Maribu, Santarem, Rio das Piabas, Cabatá
Ibirapitanga	Oricó, Cachoeira do Pau, Reves, Dois Irmão da Mata, Santo, Tanque, Oricozinho, Jacuba, Buris, Rio do Meio, Rio Pardo
Nilo Peçanha	Jequié ou das Almas, do Braço, Santo, Santo Antônio
Pirai do Norte	Juliana, Rio do Peixe
Pres. Tanc. Neves	Riacho do Meio, Piauí, Riacho Espanada, Rio Ipiranga
Taperoá	Jequié ou das Almas, Camuruji, Engenho, Carijê
Teolândia	Preto, Jequié ou das Almas, Fonte de Prata, Rio dos Reis
Valença	Una, Jiquiriçá, Pitanga, do Braço, Graciosa ou Engenho, Piau

Fonte: Costa do Dendê, Bahiatursa (1998): Anuário de Estatística. SEI/Seplantec (2001).

Os rios apresentados pelo Anuário de Estatística SEI/Seplantec serão indicados a seguir, por ordem alfabética, com o topônimo em negrito, e classificados conforme a natureza semântica dos topônimos proposta por Dick (1990) – em natureza física ou natureza antropocultural –, com suas respectivas taxionomias, de acordo com a classificação de modelo taxionômico de Dick (2004). Na sequência, indicar-se-á a origem linguística, que pode ser portuguesa, indígena ou africana, e a etimologia, quando encontrada. Segue-se a definição dos topônimos encontrados nas seguintes obras lexicográficas: Cunha (2010), Guérios (1981) e Houaiss (2009), para os termos de língua portuguesa; Gregório (1980), Navarro (2013) e Sampaio (1987), para os termos de língua indígena; e Castro (2005), para os de língua africana. Acrescenta-se também Souza (2004), pela ênfase dada aos brasileirismos geográficos desde o início do século XX, ainda com modestos 63 nomes em sua primeira edição. Nessa quinta

edição (2004) somam-se 1.916 termos que retratam a geografia brasileira. Ao final, apresenta-se a localização de onde o respectivo rio banha as cidades do Território de Identidade 6, Baixo Sul. Dessa forma, segue-se a estrutura para o levantamento dos topônimos:

Topônimo. Natureza. Taxionomia. Origem. Etimologia (quando possível). Definição com informações enciclopédicas (quando encontradas). Localização.

Das 27 taxes propostas por Dick (1990, 1992), onze são de ambiente físico-natural (natureza física), e dezesseis de aspectos relativos aos indivíduos (natureza antropocultural). Foram encontrados, neste estudo, as seguintes taxes: seis de natureza física e nove de natureza antropocultural, conforme os Quadros 1 e 2:

Quadro 1 – Taxionomias de natureza física

TAXIONOMIA	CONCEITO	TOPÔNIMOS
Cardinotopônimos	Relacionados às posições geográficas dos acidentes	(do) Meio
Cromotopônimos	Relacionados à escala cromática	Pardo, Preto, Una
Fitotopônimos	Relacionados aos topônimos de índole vegetal, em sua individualidade ou de espécies diferentes	Buris, Pinaré, Pitanga
Geomorfotopônimos	Relacionados às formas topográficas	(de) Barro
Hidrotopônimos	Relacionados aos acidentes hidrográficos em geral	Cachoeira do Pau, Cachoeira Grande, Fonte de Prata, Ipiranga, Jacuba, Jiquiriçá
Zootopônimos	Relacionados aos topônimos de índole animal	Acarai, Cabatá, Camuruji, (do) Peixe, (das) Piabas, Piauí, Serinhaem

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 2 – Taxionomias de natureza antropocultural

TAXIONOMIA	CONCEITO	TOPÔNIMOS
Animotopônimos	Relacionados à vida psíquica, à cultura espiritual	Almas, Graçiosa, Reves
Antropotopônimo	Relacionados aos títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios individuais	Carijé, Juliana, Sorojo
Axiotopônimos	Relacionados aos títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios individuais	(dos) Reis
Corotopônimos	Relacionados aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes	Santarém
Ergotopônimos	Relacionados aos elementos da cultura material	Tanque
Hierotopônimos	Relacionados aos nomes sagrados de crenças diversas, cristã, hebraica; às efemérides religiosas; às associações religiosas e seus membros e aos locais de culto.	Santo Antônio, Santo
Numerotopônimos	Relacionados aos numerais	Dois Irmãos da Mata
Poliotopônimos	Relacionados aos termos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial	Igrapiúna
Somatotopônimos	Fazem referência de modo metafórico às partes do corpo humano ou do animal	(do) Braço

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, apresentam-se os trinta e oito rios analisados, na certeza de que outros rios ainda existem no Território de Identidade Baixo Sul, não estando registrados no SEI. Estes certamente serão tema de uma pesquisa mais aprofundada futuramente.

Acaraí. Natureza física. Zootopônimo. Origem indígena. O mesmo que acarajú, de *akará* (ou *kará*) “acarás” + *y* “rio”, logo, “rio dos acarás”. Nome comum a certos peixes de água doce da família do ciclídeos. Nomina vários acidentes geográficos no Brasil. Banha o município de Camamu.

Almas. Natureza antropocultural. Animotopônimo. Origem portuguesa. Do lat. *anīma*, *ae* “sopro, ar; princípio da vida; a alma, por oposição ao corpo”. Essência imaterial do ser humano, espírito.

Também conhecido como Rio Jiquié (Ayres de Casal, 1976). Rio de grande importância para a região de Nilo Peçanha, drenando uma área de 780 km², com uma extensão de 63,3 km de sua nascente até a sua foz, no município de Cairú. Apresenta condições de navegabilidade e pesca. Em suas margens, encontram-se plantações de cacau, banana, guaraná e laranja. Seus afluentes principais são os rios Gandu e Águas Compridas. Banha os municípios de Gandu, Nilo Peçanha, Taperoá e Teolândia.

(de) Barro. Natureza física. Goemorfotopônimo. Origem portuguesa. Do pré-romano *barr-* “barro”. Tipo de argila. Banha o município de Ituberá.

(do) Braço. Natureza antropocultural. Somatopônimo. Origem portuguesa. Do latim *brac(c)hium* “braço”. Por analogia, cada um dos membros dianteiros dos quadrúpedes, canal pequeno por onde passa o rio até chegar ao mar. Nomina também um distrito de Ilhéus que fica no TI 5, Litoral Sul. No TI 6, banha os municípios de Nilo Peçanha e Valença.

Buris. Natureza física. Fitotopônimo. Origem indígena. Do tupi “*mu’ri*”. Variante de palmeira. Nome comum a duas espécies de palmáceas. Banha o município de Ibirapitanga.

Cabatá. Natureza física. Zootopônimo. Origem indígena. Do tupi *kaua ti*, “vespas”. Inseto himenóptero da família dos vespídeos. Banha o município de Ituberá.

Cachoeira do Pau. Natureza física. Hidrotopônimo. Origem portuguesa. Derivado do latim *coctio -onis*, “cachão”, + *eira*, sufixo português, + *palus* “pau, qualquer pedaço de madeira”. Queda d’água. Salto mais elevado de um rio, o mesmo que corredeira. Banha o município de Ibirapitanga.

Cachoeira Grande. Natureza física. Hidrotopônimo. Origem portuguesa. Derivado do latim *coctio -onis* “cachão” + *eira* “sufixo português” + *grandis* “vasto, comprido, numeroso”. Queda d’água de grande porte. Salto mais elevado de um rio, o mesmo que corredeira. Apresenta condições de navegabilidade e possui em suas margens plantações de cacau e pastagens. Banha os municípios de Camamu e Ituberá.

Camuruji. Natureza física. Zootopônimo. Origem indígena. De *kamuri* + *îy* “rio dos camuris”. Peixe da família dos centropomídeos, da costa brasileira. Banha o município de Taperoá.

Carijé. Natureza antropocultural. Antropotopônimo. Origem não identificada. Diversos membros da família Carigé povoaram a região. Dentre eles, merece destaque, Eduardo Carigé Baraúna, que, de acordo com Silva (2011), era filho único de Manoel Carigé Baraúna, agricultor na região e um dos mais antigos romancistas baianos. Eduardo Baraúna Carigé pertenceu à Sociedade Libertadora Bahiana, principal agremiação abolicionista baiana na década de 1880 e era um dos membros mais radicais e atuantes, na qualidade de curador de cativos que disputavam suas liberdades nas barras da Justiça. Provavelmente, o rio deve ter esse nome em referência a essa família. O rio Carijé banha o município de Taperoá.

Dois Irmãos da Mata. Natureza antropocultural. Numerotopônimo. Origem portuguesa. Do latim *duo, duae* “dois” + *germanus* “irmão” + *matta* “esteira de junco”. O nome do rio tem relação com o povoado de mesmo nome, que se formou por volta de 1909, a partir de dois irmãos que iniciaram o povoamento da região. Conta-se que o primeiro a chegar às margens do Rio das Contas foi Manoel de Hermógenes, que, “com pouco tempo de assentamento pegou estrada, chegando para desbravar as matas, Severiano Costa e seu irmão (nome desconhecido), o que veio a originar o nome Dois Irmãos” (UBATÃ, 2020). Banha o município de Ibirapitanga.

(dos) Reis. Natureza antropocultural. Axiotopônimo. Origem portuguesa. Do latim *rex, regis* “rei”. Soberano que rege ou governa um estado monárquico. Banha o município de Teolândia.

Fonte de Prata. Natureza física. Hidrotopônimo. Origem portuguesa. Do latim *fons-tis* “nascente de água, chafariz” + *de* + *platta*, derivado de *plattus* “plano”. Nascente de água, chafariz. Banha o município de Teolândia.

Graciosa. Natureza antropocultural. Animotopônimo. Origem portuguesa. Derivado do latim *gratia* “favor, agradecimento” + sufixo *-osa*. Coisa ou pessoa cheia de graça, elegante, gentil. Também denomina a comunidade quilombola situada na divisa entre os municípios de Taperoá e Valença, às margens da rodovia BA-001 e na encosta do rio Graciosa. Esse rio também é conhecido como Rio do Engenho. Nessa denominação seria um ergotopônimo, também de origem portuguesa. Do latim *ingenium* “máquina, oficina”, designando uma grande propriedade produtora de açúcar. Banha os municípios de Taperoá e Valença.

Igrapiúna. Natureza antropocultural. Poliotopônimo. Origem indígena. Do tupi-guarani Igarapé-Una, aldeia indígena, “pequeno rio de águas escuras”. O rio Igrapiúna deságua na Baía de Camamu, e sua foz é na Ponta do Santo, também em Camamu. Banha o município de mesmo nome, Igrapiúna.

Ipiranga. Natureza física. Hidrotopônimo. Origem indígena. Do tupi antigo y “rio” + *pirang* “vermelhidão” + *a* “rio da água vermelha”. Banha o município de Presidente Tancredo Neves.

Jacuba. Natureza física. Hidrotopônimo. Origem indígena. Do tupi antigo y “rio” + *akub* (*r,s*) “quente” + *a* “rio da água quente”. Banha o município de Ibirapitanga.

Jiquiriçá. Natureza física. Hidrotopônimo. Origem indígena. Do tupi antigo *íukyra* “água de sal, salmoura” + *esá* (*t*) “olho”, isto é, “olhos de sal”, isto é, “sal-gema”. Banha o município de Valença.

Juliana. Natureza antropocultural. Antropotopônimo. Origem portuguesa. Banha o município de Pirai do Norte.

(do) Meio. Natureza física. Cardinotopônimo. Origem portuguesa. Banha os municípios de Ibirapitanga e Presidente Tancredo Neves.

Oricó. Nenhum dado encontrado. Banha o município de Ibirapitanga.

Oricozinho. Nenhum dado encontrado. Banha o município de Ibirapitanga.

Orijó. Nenhum dado encontrado. É um rio com altitude de 32 metros, situado ao sul do rio Camamu. Banha o município de Camamu.

Pardo. Natureza física. Cromotopônimo. Origem portuguesa. Do latim *pardum* “loepardo”. De cor morena clara, acastanhada ou escura. Banha o município de Ibirapitanga.

(do) Peixe. Natureza física. Zootopônimo. Origem portuguesa. Do latim *piscis* “peixe”. Animal vertebrado aquático, de corpo coberto de escamas, que se desloca na água, principalmente com a ajuda de nadadeiras, respira por guelras e cuja reprodução é ovípara. Banha o município de Pirai do Norte.

(das) Piabas. Natureza física. Zootopônimo. Origem indígena. Do tupi-guarani pi'awa “pele manchada”. Nome genérico para peixes fluviais, teleósteo, caracídeos, dos gêneros *Leporinus* e *Schizodon*. Banha o município de Ituberá.

Piauí. Natureza física. Zootopônimo. Origem indígena. Do tupi antigo *piaba* “peixes caracídeos” + *y* “rio”, ou seja, rio das piabas ou dos piaus “peixes caracídeos”. Banha o município de Presidente Tancredo Neves.

Pinaré. Natureza física. Fitotopônimo. Origem portuguesa. Etimologia desconhecida. Variedade de mandioca. Sua nascente é em Camamu. Banha o município de Igrapiúna.

Pitanga. Natureza física. Fitotopônimo. Origem indígena. Do tupi antigo *ybapytanga* + *y* “rio das pitangas”. Árvore mirtácea de fruto avermelhado. Banha o município de Valença.

Preto. Natureza física. Cromotopônimo. Origem portuguesa. Do latim *pretum* “preto”. Que tem a cor do carvão, do ébano ou do piche, negro. Banha o município de Teolândia.

Reves. Natureza antropocultural. Animotopônimo. Origem portuguesa. Do latim *reversu*. Aspecto ruim, desfavorável de alguma coisa, ao contrário, às avessas. Banha o município de Ibirapitanga.

Santarém. Natureza antropocultural. Corotopônimo. Origem portuguesa. Etimologia obscura. É possível que “Santarém” originalmente se remeta a uma espécie de uva trincadeira de formato oval. Outra tradição afirma que o nome Santarém deriva do nome de Santa Irene, mártir cristã de Portugal Visigodo. O nome do rio provavelmente é uma homenagem dada pelos colonizadores lusos à cidade portuguesa homônima, famosa por suas regiões vinícolas. Banha o município de Ituberá.

Santo Antônio. Natureza antropocultural. Hagiotopônimo. Origem portuguesa. De *Santo* “aquilo que é sagrado” + *Antônio*, nome de um santo do hagiológico romano, nascido em Lisboa e que viveu na Itália, muito devotado entre os cristãos. A cidade de Nilo Peçanha, onde passa o rio, teve origem em 1565, a partir de uma vila chamada Santo Antônio de Boipeba, que não sobreviveu ao ataque dos indígenas e, somente em 1930, passou a se chamar Nilo Peçanha. Banha o município de Nilo Peçanha.

Santo. Natureza antropocultural. Hierotopônimo. Origem portuguesa. Do latim *sanctus* – *a-um* “sagrado”. Aquele que vive segundo os preceitos religiosos, que é sagrado e essencialmente puro e perfeito. Banha os municípios de Ibirapitanga e Nilo Peçanha.

Serinhaem. Natureza física. Zootopônimo. Origem indígena. Do tupi antigo *seri* “siri” + *nha'em* “bacia, prato, tigela”, ou seja, siri na tigela ou prato de siri. Também conhecido como rio Mariana antes do desaguar do Rio dos Cágados. Banha os municípios de Igrapiúna e Ituberá.

Sorojo. Natureza antropocultural. Antropotopônimo. Não foi encontrada etimologia. Na região há uma fazenda com o mesmo nome: Sorojo Ribeira. Não foram encontrados dados sobre o rio, a não ser que banha o município de Camamu.

Tanque. Natureza antropocultural. Ergotopônimo. Origem portuguesa. Etimologia obscura. Reservatório de água ou qualquer outro líquido. Banha o município de Ibirapitanga.

Una. Natureza física. Cromotopônimo. Origem indígena. Do tupi antigo “preto, escuro”. É o curso d’água de maior expressão da região Baixo Sul, com 93 km. Sua bacia drena uma área de 1.280 km². Possui um importante significado econômico para Valença, tanto em termos turísticos como na produção de pescado, sendo navegável por canoas, escunas e lanchas (FISCHER et al., 2007). Banha o município de Valença.

Analisando os dados

Para a análise dos dados coletados, observaram-se os aspectos referentes à natureza, taxionomia e origem dos designativos que compõem o *corpus* da pesquisa.

Quanto à natureza, encontramos 21 topônimos de natureza física, catorze de natureza antropocultural e três ainda não classificados, conforme podemos observar nos Quadros 3 e 4:

Quadro 3 – Topônimos de natureza física (21).

cardinotopônimo	(do) Meio
cromotopônimo	Pardo, Preto, Uma
fitotopônimo	Buris, Pinaré, Pitanga
geomorfotopônimo	(de) Barro,
hidrotopônimo	Cachoeira do Pau, Cachoeira Grande, Fonte de Prata, Ipiranga, Jacuba, Jiquiriçá
zootopônimo	Acaraí, Cabatá, Camuruji, (do) Peixe, (das) Piabas, Piauí, Serinhaem

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 4 – Topônimos de natureza antropocultural (14).

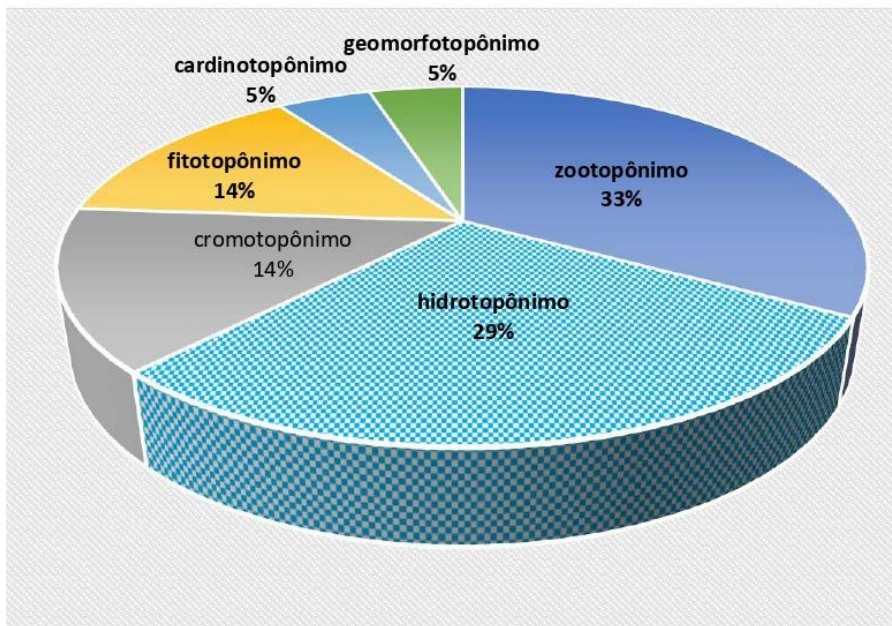
animotopônimo	Almas, Graciosa, Reves
antropotopônimo	Carijé, Juliana, Sorojo
Axiotopônimo	Reis (Dos)
Corotopônimo	Santarém
Ergotopônimo	Tanque
Hierotopônimo	Santo Antonio, Santo
Numerotopônimo	Dois Irmãos da Mata
poliotopônimo	Igrapiuna
somatopônimo	(do) Braço

Fonte: Elaborado pela autora.

Além dos rios supracitados, para três deles não foi encontrada nenhuma informação acerca de sua natureza. São eles os rios Oricó, Oricozinho, Orijó.

Dos 21 topônimos de natureza física, existem as seguintes classificações taxionômicas: sete zootopônimos (Acaraí, Cabatá, Camuruji, (do) Peixe, (das) Piabas, Piauí, Serinhaem); seis hidrotopônimos (Cachoeira do Pau, Cachoeira Grande, Fonte de Prata, Ipiranga, Jacuba, Jiquiriçá; três cromotopônimos (Pardo, Preto, Uma); três fitotopônimos (Buris, Pinaré, Pitanga); um cardinotopônimo (do) Meio; e um geomorfotopônimo (de Barro). O Gráfico 1 dá-nos uma visão percentual desses topônimos:

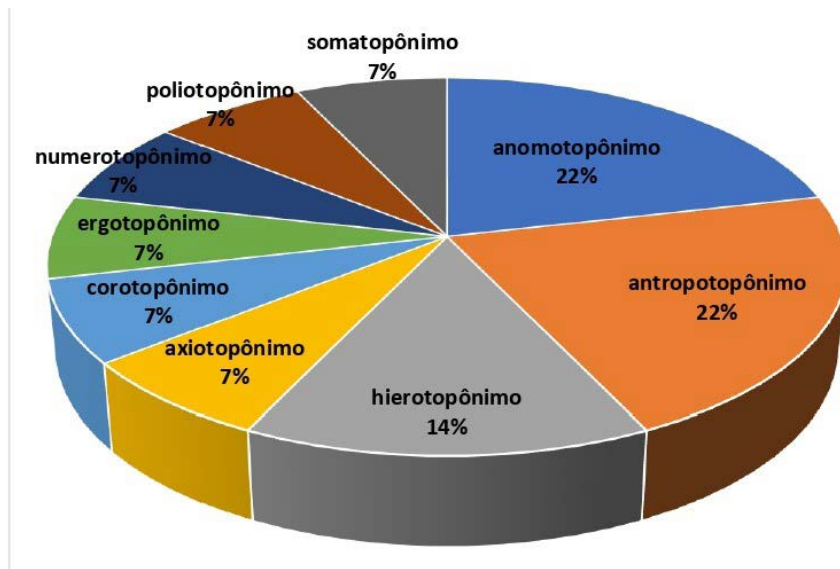
Gráfico 1 – Natureza física.



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto aos catorze topônimos de natureza antropocultural, há as seguintes classificações taxionômicas: três animotopônimos (Almas, Graciosa, Reves); três antropotopônimos (Carijé, Juliana, Sorojo), dois hierotopônimos (Santo Antonio, Santo); um axiotopônimo (dos Reis); um corotopônimo (Santarém); um ergotopônimo (Tanque); um numerotopônimo (Dois Irmãos da Mata); um poliotopônimo (Igrapíuna); e um somatopônimo (do Braço). Segue o Gráfico 2, que apresenta essa classificação:

Gráfico 2 – Natureza antropocultural.



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à origem, o resultado da pesquisa mostrou uma informação interessante: não foi encontrado nenhum topônimo de origem africana, fato que enfatiza as questões históricas que envolvem a condição inferior dos africanos em terras brasileiras. Mesmo em uma região com tantas comunidades quilombolas, o apagamento da toponímia de origem africana é marcante. Outro fato que merece atenção é o fato de os topônimos de origem portuguesa prevalecerem sobre os de origem indígena, quando outros estudos demonstram a predominância da denominação indígena nos acidentes físicos. Foram encontrados vinte topônimos de origem portuguesa e treze de origem indígena. De origem portuguesa há os rios: (das) Almas, (de) Barro, (do) Braço, Cachoeira do Pau, Cachoeira Grande, Dois Irmãos da Mata, (dos) Reis, Fonte de Prata, Graciosa, Juliana, do Meio, Pardo, (do) Peixe, Pinaré, Preto, Reves, Santarém, Santo Antônio, Santo, Tanque. A seguir, elencamos os de origem indígena, que somam treze topônimos: Acaraí, Buris, Cabatá, Camuruji, Igrapiúna, Ipiranga, Jacuba, Jiquiriçá, (das) Piabas, Piauí, Pitanga, Serinhaem, Una. Cinco deles tiveram origem não identificada: Carijé, Oricó, Oricozinho, Orijó, Sorojo.

Considerações finais

O estudo lexical e sociocultural dos topônimos baianos nos leva a conhecer um pouco mais da história de seu povo. A relação entre léxico, cultura e sociedade revela traços identitários que podem ser reconhecidos a partir dos nomes que foram dados aos lugares que conhecemos e tomamos como nossos. Tudo que o homem conhece ele nomina e marca a sua posse sobre aquele lugar. Pode ser um rio, uma lagoa, um córrego, uma praia. Dessa forma, o signo toponímico se torna um elemento identitário de grande poder, capaz de resgatar a memória e a identidade de um povo, fortalecendo seu vínculo sociocultural.

Nossas crenças, costumes e tradições são reveladas à medida que recuperamos as motivações toponímicas para os lugares que nos cercam. Isso contribui para o resgate da memória de nosso povo. E é essa a proposta do Atobah: resgatar um pouco mais da história da Bahia, a partir do estudo de seus topônimos. Como afirma Dick: “A onomástica, porém, é muito mais do que um mero fator auxiliar do agir e do viver individual ou coletivo; é indício de rumos tomados pelos falares ao longo dos períodos históricos, de comportamentos presentes no cotidiano e de atitudes morais ou operosas valorizadas pela população” (DICK, 2007, p. 144).

Mesmo sabendo que no Brasil os estudos toponímicos ainda são escassos, o Projeto Atobah nos impele cada dia mais a perseverar nesses estudos em busca do resgate de nossa memória e história a partir de nossos topônimos, indo além das contribuições linguísticas, ou seja, recuperando aspectos históricos, geográficos, culturais e sociais de nosso povo, perdidos ao longo do tempo.

Referências

ABBADE, C. M. S. ATOBAH: proposta de elaboração do Atlas Toponímico da Bahia. *Caletroscópio*, Ouro Preto, v. 4, p. 576-588, 2016.

BAHIA. Lei nº 12.926. Atualiza os limites dos municípios que integram o Território de Identidade Baixo Sul, na forma da Lei 12.057. *Diário Oficial do Estado da Bahia*, Salvador, 18 dez. 2013.

BAHIATURSA. *Anuário de estatística*. Costa do Dendê: SEI, 2001.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. *Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável do Território Baixo Sul da Bahia*.

Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2010. Disponível em: <http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio021.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2022.

CASTRO, Y. P. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

CORREIA, C. M. P.; ABBADE, C. M. S. Presença abençoada ou ausência sentida: a água na toponímia da Bahia. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 18, n. 2, p. 260-270, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/index>>. Acesso em: 3 nov. 2019.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DICK, M. V. P. A. Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II. *Trama*, Cascavel, v. 3, n. 5, p. 141-111, 2007.

_____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. v. 3.

_____. A dinâmica dos nomes na Cidade de São Paulo: 1554-1897. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. Atlas toponímico: um estudo de caso. *Revista da SBPL*, São Paulo, v. 6, 1996.

_____. *Coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: FFLCH, 1992.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. P. A.; SEABRA, M. C. T. C. Caminho das águas, povos dos rios: uma visão etnolinguística da toponímia brasileira. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v. 5, p. 25-32, 2002.

GREGÓRIO, I. J. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino, 1980.

GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

IBGE. *Glossário de termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento do Brasil*: coordenação de cartografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

ISQUERDO, A. N. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. (orgs.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 115-139.

_____. O nome do município: um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. *Revista Prolíngua*, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 34-52, 2008.

_____. A toponímia como signo de representação da realidade. *Fronteiras*, Campo Grande, v. 1, n. 2, p. 27-46, 1997.

ISQUERDO, A. N.; DARGEL, A. P. T. P. Hidronímia e toponímia: interinfluências entre meio ambiente e história. In: ENCONTRO INTERMEDIÁRIO DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 9, 2013, Caxias do Sul. *Anais... Caxias do Sul*: ENGTLEX, 2013.

NAVARRO, E. A. *Dicionário de tupi antigo*: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global, 2013.

SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

SEABRA, M. C. T. C. Atemig: Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do Atlas Toponímico do Brasil. In: MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (orgs.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia: Edufu, 2008. v. 1, p. 1945-1952.

_____. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais*: a toponímia da Região do Carmo, 2004, 368 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

_____. Referência e onomástica. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 1, 2006, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: ILEEL, 2006.

SILVA, R. T. C. “Iô-iô Carigé dá cá meu papé”: a atuação da sociedade libertadora bahiana e a agência escrava nos últimos anos da escravidão (1883-1888). In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 5, 2011, Porto Alegre. *Anais...* [s. l.: s. n.], 2011. Disponível em: <<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/silva%20ricardo%20tadeu%20caires.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

SEI. *Perfil dos territórios de identidade*. Salvador: SEI, 2016.

_____. *Estatísticas dos municípios baianos*. Salvador: SEI, 2012.

SOUZA, B. J. *Dicionário da terra e da Gente do Brasil: onomástica geral da geografia brasileira*. Itatiaia: Belo Horizonte, 2004.

UBATÃ. *Diário Oficial de Ubatã*. Ubatã, 18 jun. 2020, p. 7-8. Disponível em: <<https://www.ubata.ba.gov.br/Handler.ashx?f=diario&query=2811&c=795&m=0>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

Recebido em: 18 de agosto de 2021.

Aprovado em: 7 de novembro de 2021.